

Ano 18, Vol. XVIII, Núm.2, jul-dez, 2025, pág. 96-108.

A FORMAÇÃO DO EDUCADOR AMBIENTAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: POSSIBILIDADES A PARTIR DE COMUNIDADES DE PRÁTICA E PROCESSOS ECOFORMATIVOS EM ESPAÇOS EDUCADORES SUSTENTÁVEIS

Paulo Roberto Serpa¹

Verônica Gesser²

Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos³

RESUMO

A formação de educadores ambientais na Educação Infantil é um processo contínuo e dinâmico, que se constrói a partir da interação entre sujeitos, espaços e práticas pedagógicas. Neste artigo investiga-se a formação dos educadores ambientais no contexto da Educação Infantil, considerando o estabelecimento de comunidades de prática com processos ecoformativos em espaços educadores sustentáveis. Inserido em uma pesquisa maior de doutorado em andamento, o estudo discute como a constituição da identidade do educador ambiental ocorre por meio da interação com o ambiente e com seus pares. Fundamentado na perspectiva das comunidades de prática e da ecoformação, o discute-se a importância da reflexão sobre a prática pedagógica e da participação ativa na construção do conhecimento. Nesse caminho, os espaços educadores sustentáveis tornam-se ambientes fundamentais para a construção de sujeitos socioambientalmente responsáveis, fomentando uma educação comprometida com a sustentabilidade. Também, reforça-se a necessidade de políticas públicas e iniciativas que incentivem a formação continuada dos educadores ambientais e a criação de espaços educadores sustentáveis na Educação Infantil.

Palavras-chave: educador ambiental, educação infantil, espaços educadores sustentáveis, ecoformação, comunidades de prática.

ABSTRACT

The training of environmental educators in Early Childhood Education is a continuous and dynamic process, which is built from the interaction between subjects, spaces and pedagogical practices. This article investigates the training of environmental educators in the context of Early Childhood Education, considering the establishment of communities of practice with eco-training processes in sustainable educational spaces. Inserted in a larger ongoing doctoral research, the study discusses how the formation of the identity of the environmental educator occurs through interaction with the environment and with their peers. Based on the perspective of communities of practice and eco-training, the study discusses the importance of reflection on pedagogical practice and active participation in the construction of knowledge. In this way, sustainable educational spaces become fundamental environments for the construction of socio-environmentally responsible subjects, fostering an education committed to sustainability. It also reinforces the need for public policies and initiatives that encourage the continued training of environmental educators and the creation of sustainable educational spaces in Early Childhood Education.

Keywords: environmental educator, early childhood education, sustainable educational spaces, eco-training, communities of practice.

¹ Universidade do Vale do Itajaí (Univali). E-mail: pauloserparoberto@gmail.com. País: Brasil.

² Universidade do Vale do Itajaí (Univali). E-mail: gesserv@univali.br. País: Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-2170-064X>.

³ Universidade do Vale do Itajaí (Univali). E-mail: bruna.santos@univali.br. País.: Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-7305-5083>.

INTRODUÇÃO

A crescente preocupação com as questões ambientais e a necessidade de promover uma cultura de sustentabilidade desde os primeiros anos de escolarização evidenciam a importância de uma abordagem ecoformativa que também possibilite à construção de espaços educadores sustentáveis. Nesse cenário, é fundamental compreender como se dá o processo de formação dos educadores ambientais.

A Educação Ambiental (EA), compreendida como um campo interdisciplinar e transversal, atravessa diferentes áreas do conhecimento e está amparada na Política Nacional de Educação Ambiental (Lei nº 9.795/1999) e na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Esses documentos destacam a importância da educação ambiental na formação cidadã e no desenvolvimento de uma consciência pró-ambientalmente sustentável desde a infância, reforçando a necessidade de práticas pedagógicas que promovam a interação com o meio ambiente e a compreensão dos impactos das ações humanas sobre a natureza.

Diante desse panorama, a formação do educador infantil também precisa ser pensada de forma a integrar princípios e metodologias da Educação Ambiental ao cotidiano escolar. O conceito de ecoformação, baseado na ideia de que a aprendizagem ocorre em múltiplas dimensões, oferece um referencial teórico relevante para a compreensão desse processo. Segundo as autoras Sauv  (2005) e Carvalho (2012), a EA deve ir além da transmissão de conteúdos ecológicos e promover experiências significativas que possibilitem o desenvolvimento de uma relação mais afetiva e  tica com a natureza.

Nesse sentido, os espaços educadores sustentáveis na infância, emergem como ambientes para a prática da Educação Ambiental. Escolas que incorporam princípios da sustentabilidade em sua gestão, currículo e espaço físico possibilitam vivências e experiências para a construção da consciência ambiental. A criação de hortas educativas, o uso de materiais naturais, a valorização do brincar ao ar livre e a ressignificação dos espaços escolares como territórios vivos de aprendizagem fortalecem a relação entre a criança e a natureza.

Dessa forma, este artigo busca discutir a formação do educador ambiental na Educação Infantil a partir da perspectiva dos processos ecoformativos e da constituição de espaços educadores sustentáveis.

Os espaços educadores sustentáveis na formação dos educadores ambientais

O mundo contemporâneo enfrenta desafios socioambientais que exigem mudanças na educação e na formação de sujeitos conscientes e atuantes (Gadotti, 2010; Brito, 2019). Isso se reflete também no contexto da Educação Infantil, pois é na infância que ocorrem a construção de valores, atitudes e hábitos em relação ao meio ambiente (Louv, 2016).

Nesse cenário, ao contribuir para transição das escolas para Espaços Educadores Sustentáveis, os educadores ambientais desempenham um papel essencial; contudo, necessitam de formação para aprimorar suas práticas pedagógicas:

A Educação Ambiental é uma ação social, que influencia tanto o educador ambiental quanto o educador ambiental em seu próprio contexto de ação pedagógica. Ser educador pode ser qualquer um, quando estamos nessa interação com o outro e com o mesmo indivíduo, mas quando esse educador se torna um profissional, é quando há uma reflexão do que ele ensina, identificando na sua prática diária, aquele ensino, porque eu ensino ele, quais características tem o que eu ensino, o que me motiva a ensinar esse tema, como o assunto está na minha vida, esses aspectos e outros fazem a diferença na profissão docente⁴ (Ariza, 2017, p. 17-18, tradução nossa).

Ariza (2017) busca refletir sobre o papel do educador ambiental e a construção da sua identidade docente. Ela indica que qualquer pessoa pode ser educadora ao interagir e compartilhar conhecimentos com os outros. No entanto, torna-se um profissional quando passa a refletir sobre sua prática pedagógica. Macedo, Garcia e Cousin (2022, p. 52) já sinalizam que:

A constituição do sujeito educador (a) ambiental perpassa por uma série de atravessamentos que irão ao longo de suas experiências e trajetórias, constituindo suas identidades. [...] Portanto, a identidade é uma dimensão transitória, sendo construída nas relações que se estabelecem entre os sujeitos e os ambientes, nos quais se inserem.

Essa perspectiva reforça que a identidade do educador não é fixa, mas moldada pelas relações que ele estabelece com os sujeitos e os ambientes, ou seja, a formação desse profissional precisa ser contínua e aberta às transformações sociais e ambientais.

Na Educação Infantil, a formação das crianças deve considerar as brincadeiras e interações como eixo central da aprendizagem ambiental. Junges e Massoni (2017) destacam que a aprendizagem ambiental deve ser compreendida em múltiplas dimensões, pois considera

⁴ Versão original: La Educación Ambiental es una acción social, que influye tanto en el educador ambiental, como este en su propio contexto de acción pedagógica. Ser educador puede ser cualquier persona, cuando estamos en esa interacción con el otro y el mismo individuo, pero cuando ese educador se convierte en profesional, es cuando existe una reflexión de lo que enseña, identificando en su práctica diaria, el que enseño, para que lo enseñe, qué características tiene eso que enseño, que me motiva para enseñar ese tema, como el tema está en mi vida, estos aspectos y otros hacen la diferencia en la profesión docente.

diferentes aspectos do processo educativo. Para isso, é necessário refletir sobre quem são os sujeitos que aprendem, quais conteúdos são adquiridos, em quais espaços ocorre, quais metodologias são utilizadas e quais são as motivações para esse aprendizado.

Além disso, a sensibilização ambiental desde os primeiros anos de vida das crianças favorece a construção de uma relação afetiva com a natureza e promove a formação de um sujeito socioambientalmente consciente desde a infância.

Reforça-se também a necessidade de localizar onde ocorre a aprendizagem, contextualizando-a e situando-a, apresentando suas peculiaridades sociais, históricas, culturais, econômicas e políticas, de modo que as circunstâncias analisadas sejam delimitadas com o objetivo de não descolar o processo de aprendizagem do locus em que ocorre (Gudolle; Antonello; Flach, 2012, p. 17).

Isso significa dizer que é importante considerar o contexto em que acontece a aprendizagem das crianças. Portanto, a educação não ocorre isolada, mas inserida em um determinado ambiente que influencia o processo de ensino e aprendizagem.

Nesse caminho, as comunidades de prática, enquanto espaços de aprendizagem colaborativa, e a ecoformação, como abordagem formativa baseada na relação entre ser humano e meio ambiente, são caminhos para a qualificação dos educadores ambientais e das crianças. No âmbito da Educação Infantil, esses espaços possibilitam a troca de saberes entre educadores⁵ e o desenvolvimento de propostas ou projetos interdisciplinares. Ariza (2017) reforça que:

No dia a dia do ser humano, a educação está presente na interação com o outro, na reflexão sobre as ações, nos pensamentos coletivos e individuais, e no impacto dos processos políticos, econômicos e pessoais. Por isso, em certos momentos da vida, todos somos educadores, aprendemos e ensinamos aos outros por meio de nossa própria vida, experiência e exemplo. Nossa família, amigos, vizinhos e cada pessoa que cruzamos no caminho cumprem uma função social (p. 70, tradução nossa)⁶.

A partir dessas perspectivas, torna-se importante fortalecer a Educação Ambiental ao currículo infantil ambientalizando o espaço escolar. Mas isso, tendo em mente que, “[a] aprendizagem acontece, e o conhecimento é gerado por meio de conversações e interações entre

⁵ Nesta pesquisa, entendemos que todas as categorias profissionais atuantes dentro da escola de Educação Infantil são educadoras.

⁶ Versão original: En el día a día del ser humano la educación se encuentra en esa interacción con el otro, en la reflexión de las acciones, de pensamientos colectivos e individuales, el impacto de procesos políticos, económicos y personales. Por esto, todos en ciertos momentos de la vida somos educadores, aprendemos y enseñamos a otros con nuestra propia vida y en nuestra propia experiencia y ejemplo, como nuestra familia, los amigos, los vecinos, cada persona que se encuentra en nuestros caminos cumple una función social.

as pessoas, uma vez que a participação nas práticas sociais se constitui modo fundamental de aprender algo” (Engelman *et al.*, 2017, p. 37). Portanto, tratamos aqui, não de um currículo disciplinar tradicional, mas das próprias ações e relações do cotidiano da Educação Infantil. Nesse caminho, a participação e a interação nos processos passam a ser o caminho para a aprendizagem:

Aprendizagem pela participação envolve a pessoa como um todo, o que sugere não somente uma relação com atividades específicas, como também uma relação com comunidades sociais, e implica tornar-se um participante pleno, um membro reconhecido na comunidade. A aprendizagem pela participação nas práticas torna possível se envolver em novas atividades, realizar novas tarefas e funções para dominar novos entendimentos. Atividades, tarefas, funções e entendimentos não existem isoladamente (Gudolle; Antonello; Flach, 2012, p. 19).

Gudolle, Antonello e Flach (2012) destacam que a aprendizagem pela participação envolve a pessoa por inteiro, pois o aprendizado acontece por meio da prática, o que permite a construção de novos entendimentos. Assim, Engelman *et al.* (2017, p. 36) apresentam a teoria da aprendizagem situada, ao sugerir que “[...] o aprendizado individual deve ser pensado como emergente, envolvendo oportunidades de participação nas práticas da comunidade, bem como o desenvolvimento de uma identidade que proporciona sensação de pertencimento e compromisso”.

Cabe esclarecer, que estamos apresentando aqui, o ambiente escolar de uma escola da infância como uma comunidade de prática. No mínimo, almejamos e queremos isso, justamente pelo entendimento dos benefícios que isso proporciona aos seus integrantes. As comunidades de prática, conforme Wenger (1998), são grupos de indivíduos que compartilham um interesse comum e aprendem juntos por meio da interação. No contexto da Educação Infantil, essas comunidades permitem trocas de experiências e práticas ambientais, proporcionam a aprendizagem ambiental e o aprimoramento da atuação docente, ou seja, a formação do educador ambiental:

No contexto em que o processo social de aprendizagem ocorre, o diálogo, a observação, as histórias contadas e as conversas entre as pessoas são elementos que implicam diretamente os comportamentos de aprendizagem dos membros em comunidades de prática, carregando influências ambientais e socioculturais (Gudolle; Antonello; Flach, 2012, p. 18).

Esse cenário se alinha à perspectiva da aprendizagem situada, que compreende a construção do conhecimento dentro de contextos socioculturais específicos (Almeida, 2014).

No contexto da Educação Infantil, as comunidades de prática possibilitam que educadores reflitam coletivamente sobre suas práticas pedagógicas e construam abordagens mais significativas para as crianças. Conforme apontado por Macedo, Garcia e Cousin (2022, pp. 50-51):

Somente quando nos sentimos pertencentes a um lugar, podemos nos comprometer a transformá-lo, problematizando as relações sociais e as situações ambientais que vivenciamos, e buscando coletivamente alternativas para superar as desigualdades, em busca de relações ambientalmente mais saudáveis. Sendo assim, a formação de educadores(as) ambientais deve levar em conta a dimensão do lugar enquanto essencial na constituição deste sujeito, o qual tem um desafio e um compromisso ético com a sociedade.

Portanto, é uma formação permanente com seus pares, com o ambiente e com as crianças, mediada pela reflexão constante da prática educativa:

Ao/a Professor/a Educador/a Ambiental, cabe o entendimento que seu papel social desenvolve pessoas, e nesta via, ocorre um processo de retroalimentação, pois o sujeito é igualmente produzido pelas interações que provoca. Neste sentido, a formação deve ser entendida em seu aspecto amplo e relacional. O processo crítico-reflexivo deve fazer parte da atuação cotidiana do/a Professor/a Educador/a Ambiental (Noguez, 2022, p. 133).

Nesse caminho, Gadotti (2011) ressalta uma perspectiva dialógica e colaborativa para a formação docente, enfatizando que essa formação deve ocorrer no espaço escolar, aonde a colaboração e cooperação entre os profissionais da educação valorizam a aprendizagem coletiva e a reflexão sobre a prática pedagógica.

Além disso, as comunidades de prática na Educação Infantil fortalecem a integração da Educação Ambiental ao currículo, pois estabelece um processo de ambientalização do currículo e promove a transição do ambiente escolar em espaço educador sustentável.

Brandão (2005) e Barros (2018) expandem essa ideia de comunidade para um território maior que abrange o entorno do ambiente escolar. Portanto, as instituições e parceiros de fora da escola como elementos formativos e formados pela interação com a escola. Nessa perspectiva, as comunidades de prática podem atuar como espaços de diálogo entre educadores e responsáveis - as famílias e líderes comunitários – ao ampliar a compreensão sobre a importância da Educação Ambiental tanto no ambiente escolar quanto no cotidiano das crianças fora da escola:

Falar em educação ambiental na Educação Infantil parece nos remeter a pensar precocemente, porém é nessa etapa que a criança apresenta importante desenvolvimento e aprendizado. Os resultados podem não ser imediatos, mas irão refletir em atitudes futuras. A educação ambiental precisa ser incluída na realidade da criança para que esta possa ampliar suas relações e sua visão de mundo (Tavares, 2016, p. 44-45).

Dessa forma, essas comunidades se tornam espaço de interação e aprendizagem mútua, no qual todos os envolvidos influenciam e são influenciados pelo processo educativo:

Em tempos em que a Educação Ambiental vive a polêmica acerca das estratégias de sua implantação no contexto escolar, por exemplo (como disciplina ou como conteúdo transversal) torna-se útil deslocar o olhar para pensar menos em uma Educação Ambiental que se organiza por um conteúdo programático e mais uma Educação Ambiental que se organiza a partir de espaços de trocas, espaços de experiência, espaços de ação coletiva na vida cotidiana (Comunello, 2014, p. 12).

Isso implica na incorporação da Educação Ambiental como um princípio orientador do currículo e das práticas pedagógicas ambientalizando a escola. A partir disso, também apresentamos o conceito de ecoformação que, segundo Morin (2003) e Sauv   (2005), propõe um processo educativo que valoriza a interdependência entre ser humano e natureza, estimulando reflexões sobre a sustentabilidade, assim como proposta nos espaços educadores sustentáveis. Para educadores ambientais, esse enfoque favorece a formação e promove experiências que incluem vivências concretas com o ambiente. Macedo, Garcia e Cousin (2022) destacam a importância do lugar na formação do sujeito educador ambiental. A noção de pertencimento ao espaço onde se vive e aprende é um fator essencial para a construção de sujeitos críticos e participativos.

A Ecoformação pressupõe uma via dialógica, relacionando saberes teóricos e práticos ao reconhecer o pessoal, o coletivo e o ambiental na constituição da identidade profissional docente. Det  m sua atenção não somente no estudante tampouco apenas no professor, pois percebe-se como um elemento integrador e criativo ecoformativo (Noguez, 2022, p. 135).

Na Educação Infantil, a ecoformação se torna essencial para a construção de uma comunidade de prática sensível e   tica na relação com seus pares, com as crianças e com a natureza. Noguez (2022, p. 135) afirma que “[o] processo ecoformativo se dá no encontro experi  ncial entre sujeitos e suas práxis, os quais encontram-se atravessados e sugestionados pelos ambientes, pelas questões macro, como a política pública, a natureza, a cultura e a natureza, o todo”.

Para os educadores da Educação Infantil, essa abordagem reforça a importância de criar ambientes pedagógicos que favoreçam a exploração e a experimentação, o que permite as crianças aprenderem por meio do brincar em espaços livres, em hortas e em jardins. Portanto, esse papel envolve a mediação de experiências que favorecem a relação das crianças com a natureza.

Em comunidades de prática, isso reforça a ideia de que a formação dos educadores ambientais é um processo constante e dinâmico, no qual o professor aprende e se transforma a partir de suas vivências e relações, valorizando a reflexão crítica, a prática contextualizada e a interação com o ambiente (Noguez, 2022).

Qualquer que seja o contexto em que se esteja vivendo uma experiência de *educação ambiental*, as pessoas que se reúnem em “círculos de experiências e de saberes”, possuem de qualquer maneira algo de seu, de próprio e de originalmente importante. E o trabalho é mais fecundo quando em uma *comunidade aprendente*, todos têm algo a ouvir e algo a dizer. Algo a aprender e algo a ensinar. Lugares de trocas e de reciprocidades de saberes, mas também de vidas e de afetos, onde a *aula expositiva* pode ser cada vez mais convertida no *círculo de diálogos* (Brandão, 2005, p. 90, grifos do autor).

Logo, uma comunidade de prática que também é aprendente se forma como uma rede de relações que valoriza a intencionalidade pedagógica, o fazer educativo e a reflexão contínua sobre a prática, mas que também entende que os afetos e as relações ali presentes são parte de um todo:

[A] comunidade de prática envolve mais que a habilidade de conhecimento técnico, [...]. A participação na prática cultural na qual algum conhecimento existe é um princípio epistemológico da aprendizagem. Assim, a estrutura social desta prática, suas relações de poder e suas condições para legitimidade definem possibilidades para a aprendizagem (Almeida, 2014, p. 180).

Trabalhar com processos ecoformativos na perspectiva de comunidades de prática se revela uma estratégia potente para qualificar a formação dos educadores ambientais e fortalecer a ambientalização na Educação Infantil. Nesse caminho, Noguez (2022, p. 132) afirma que,

[n]ão existe um curso de graduação, por exemplo, que forme um Educador Ambiental. Assim, trata-se de uma formação continuada constituída a partir das experiências dos sujeitos, seja nos espaços institucionalizados (como a escola) ou outros.

Assim, destaca-se que essa formação deve estar conectada às questões e desafios enfrentados na prática pedagógica, o que garante o aprendizado adquirido tenha relevância para o cotidiano escolar (Brasil, 2002). Dessa maneira, a formação do educador ambiental se dá de maneira dinâmica, ao integrar teoria e prática, e se fortalecer nas relações com outros profissionais e com o contexto em que atuam. Deste modo, compreendemos que, assim como Comunello (2014, p. 14):

[e]ssa perspectiva nos desafia a realizar uma educação mais além das paredes de uma sala de aula e mais além de uma lista de conteúdos a ser cumprida. Pensar com a aprendizagem social ou situada nos desafia a propor uma Educação Ambiental mais engajada no mundo, em espaços de interação das pessoas entre si e com o mundo; uma Educação Ambiental do “fazer com”.

Diante disso, ao promover a formação continuada dos educadores ambientais, na comunidade de prática, valorizando os processos ecoformativos, torna-se possível consolidar uma Educação Infantil comprometida com a construção de um futuro mais sustentável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação de educadores ambientais na Educação Infantil é um processo contínuo e dinâmico, que se constrói a partir da interação entre sujeitos, espaços e práticas pedagógicas. Neste artigo, inserido em uma pesquisa maior de doutorado em andamento, refletimos sobre a importância dos espaços educadores sustentáveis na qualificação da prática docente e no fortalecimento da Educação Ambiental desde a infância.

Ao longo da discussão, evidenciamos que a identidade do educador ambiental não é fixa ou pré-determinada, mas se desenvolve ao longo do tempo, perpassando experiências individuais e coletivas. A reflexão sobre a prática pedagógica e o envolvimento em comunidades de prática se apresentam como elementos centrais para essa construção. Assim, compreender que a formação docente ocorre em um processo de constante significa reconhecer a necessidade de promover momentos de aprendizagem colaborativa, nos quais os educadores possam trocar conhecimentos, compartilhar desafios e construir, conjuntamente, estratégias para inserir a Educação Ambiental no cotidiano escolar.

A Educação Infantil, por sua vez, apresenta-se como um espaço privilegiado para o desenvolvimento da consciência ambiental, pois é nesse período da vida que se formam valores, atitudes e hábitos em relação à natureza. Dessa forma, a Educação Ambiental se integrada de maneira significativa ao currículo infantil, articulando-se com as vivências, brincadeiras e

interações das crianças. Para tanto, é fundamental que os espaços educadores sustentáveis sejam fortalecidos, pois eles possibilitam a experimentação e a vivência concreta.

Outro aspecto fundamental para consolidar essa proposta é o reconhecimento da escola como um território vivo, que se transforma e influencia a formação dos sujeitos que nela atuam. Assim, a ambientalização curricular e a adoção de metodologias participativas contribuem para tornar o ambiente escolar. Além disso, ao estabelecer vínculos entre a escola e a comunidade, amplia-se a percepção de que a EA não deve ser restrita ao espaço escolar, mas envolver as famílias e demais atores sociais no processo educativo.

A formação de educadores ambientais deve abranger um processo crítico-reflexivo, no qual o professor se perceba como agente de transformação, capaz de inspirar mudanças e construir um ensino pautado na ética, na sustentabilidade e no compromisso com as futuras gerações. Como destacado ao longo do texto, essa formação não se dá exclusivamente por meio de cursos de formações formais, mas na vivência diária, nas interações e nos espaços de aprendizagem compartilhada.

Portanto, fortalecer a formação dos educadores ambientais na Educação Infantil significa investir na construção de uma escola mais comprometida com a sustentabilidade, na qual a Educação Ambiental esteja presente. A partir das comunidades de prática e da ecoformação, é possível consolidar um ensino que respeita o meio ambiente, valoriza a participação ativa dos educadores e crianças.

Dessa maneira, este estudo reforça a necessidade de promover políticas públicas e iniciativas que incentivem a formação continuada dos educadores ambientais e a criação de espaços educadores sustentáveis na Educação Infantil. Assim, caminhamos para um modelo de escola onde ensinar e aprender se tornam experiências coletivas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Elizabeth Guzzo de. Aprendizagem situada. **Texto Livre: Linguagem e Tecnologia**, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 177–184, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/textolivres/article/view/16668>. Acesso em 6 nov. 2024.

ARIZA, Leidy Gabriela Ariza. **Formación del educador ambiental desde el conocimiento didáctico del contenido - una experiencia en el contexto EAD en Brasil**. 2017. 192 f. Tese (Doutorado em Educação Ambiental) - Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2017. Disponível em: <https://repositorio.furg.br/handle/1/10064>. Acesso em 12 ago. 2024.

BARROS, Maria Isabel Amado de (Orgs.). **Desemparedamento da infância**: a escola como lugar e encontro com a natureza. Rio de Janeiro: Alana, 2018. Disponível em: https://criancaenatureza.org.br/wp-content/uploads/2018/08/Desemparedamento_infancia.pdf. Acesso em 25 nov. 2024.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Comunidades Aprendentes. In: FERRARO JÚNIOR (Org.). **Encontros e Caminhos**: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005. Disponível em: <https://oca.esalq.usp.br/wp-content/uploads/sites/430/2020/02/encontros.pdf>. Acesso em 05 set. 2024.

BRASIL. **Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999**. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19795.htm. Acesso em: 08 jan. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em 20 jun. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Referenciais para a Formação de Professores**. Brasília: MEC/SEF, 2002.

BRITO, Renato de Oliveira (Org.). **Escolas Sustentáveis**: preparando estudantes do presente na criação de espaços sustentáveis para as gerações do futuro. Brasília: Cátedra UNESCO de Juventude, Educação e Sociedade; Universidade Católica de Brasília, 2019.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação ambiental**: a formação do sujeito ecológico. São Paulo: Cortez, 2012.

COMUNELLO, Luciele Nardi. Campo Ambiental, Habitus Ecológico e Aprendizagem Situada: contribuições para a Educação Ambiental. In: X Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul (ANPED Sul). **Anais eletrônicos ...** 2014, p. 1-15. Disponível em: <https://www.fe.ufg.br/nedesc/cmv/controle/DocumentoControle.php?oper=download&cod=1163>. Acesso em 06 de nov. 2024.

ENGELMAN, Raquel; SCHREIBER, Dusan; BOHNENBERGER, Maria Cristina; BESSI, Vânia Gisele. Aprendizagem em comunidades de prática: estudo em um grupo de pesquisa. **Contextus – Revista Contemporânea de Economia e Gestão**, v. 15, n. 2, pp. 34-58, 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/contextus/article/view/32293/pdf>. Acesso em 22 out. 2024.

GADOTTI, Moacir. **A carta da Terra na Educação**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2010.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho**: ensinar-e-aprender com sentido. 2. ed. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2011.

GUDOLLE, Lucas Socoloski; ANTONELLO, Claudia Simone; FLACH, Leonardo. Aprendizagem situada, participação e legitimidade nas práticas de trabalho. **RAM, REV. ADM. MACKENZIE**, São Paulo, v. 13, n. 1., pp. 14-39, jan./fev. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ram/a/s478PrMZBnMTPbqfBPwK7fB/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 22 out. 2024.

JUNGES, Alexandre Luis; MASSONI, Neusa Teresinha. Aprendizagem na Educação Ambiental. In: XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC). **Anais eletrônicos ...** 2017, p. 01-11. Disponível em: <https://www.abrapec.com/enpec/xi-enpec/anais/resumos/R0784-1.pdf>. Acesso em 06 nov. 2024.

LOUV, Richard. **A Última Criança na Natureza**: resgatando nossas crianças do transtorno do déficit da natureza. Tradução: Alyne Azuma, Cláudia Belhassof. São Paulo: Aquariana, 2016.

MACEDO, Sabrina Meirelles; GARCIA, Narjara Mendes; COUSIN, Cláudia da Silva. O Lugar na Constituição do Sujeito Educador Ambiental. **VEREDAS - Revista Interdisciplinar de Humanidades**, [S. l.], v. 5, n. 9, p. 42-60, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unisa.br/index.php/veredas/article/view/210>. Acesso em 26 jan. 2025.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

NOGUEZ, Janaina Amorim. **A permanência da educação ambiental a partir do Programa Nacional Escolas Sustentáveis em contextos distintos**: ecoformação e afetos na Educação Infantil. 2022. 199 f. Tese (Doutorado em Educação Ambiental) - Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2022. Disponível em: <https://ppgea.furg.br/dissertacoes-e-teses/63-publicacoes-de-2022/1608-13480tese-janaina-amorim-noguez>. Acesso em 10 out. 2024.

SAUVÉ, Lucie. Uma cartografia das correntes em educação ambiental. In: SATO, Michele; CARVALHO, Isabel Cristina de Moura (Orgs.). **Educação Ambiental**. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 17-45.

TAVARES, Tania Emilene Sieradzki. **Educação ambiental na prática pedagógica dos professores de um centro municipal de Educação Infantil de Curitiba**. 2016. 125 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2016. Disponível em: <https://tede.utp.br/jspui/handle/tede/1581>. Acesso em 26 out. 2024.

WENGER, Etienne. **Communities of practice**: learning, meaning, and identity. Cambridge University Press, 1998.

Submetido em: 08 de abril de 2025.

Aprovado em: 16 de maio de 2025.

Publicado em: 01 de julho de 2025.

Autoria:

Autor 1

Nome: Paulo Roberto Serpa
Instituição: Universidade do Vale do Itajaí (Univali)
E-mail: pauloserparoberto@gmail.com
País: Brasil

Autor 2

Nome: Verônica Gesser
Instituição: Universidade do Vale do Itajaí (Univali)
E-mail: gesserv@univali.br
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2170-064X>
País: Brasil

Autor 3

Nome: Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos
Instituição: Universidade do Vale do Itajaí (Univali)
E-mail: bruna.santos@univali.br
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7305-5083>
País: Brasil